FORTALEZA: PÁGINA DA AVENTURA HOLANDESA NOS TRÓPICOS

JOSÉ AURÉLIO CÂMARA

No segundo quartel do século XVII, o Nordeste brasileiro viveu concretamente um capítulo vibrante da luta transoceânica do comércio livre contra o monopólio. Numa demonstração de violenta hostilidade contra o monopólio ibérico, instituído na rota dos descobrimentos pela epopéia marítima dos dois séculos anteriores, a Holanda investe contra a América portuguêsa e em 1630 ocupa Pernambuco. Essa ocupação viria inaugurar um período característico da História do Brasil.

Os interêsses militar e comercial da emprêsa, — aquêle devendo condicionar o êxito dêsse — bem como o desenvolvimento dos seus objetivos econômicos, determinaram de pronto o alargamento do território ocupado. De Pernambuco para o Norte e para o Sul se amplia, Incessante nos primeiros tempos, a conquista da possessão portuguêsa. Ocupado o Rio Grande do Norte em 1633, avança o flamengo para o Ceará em 1637. Em 1641 é ocupada a ilha de São Luís, no Maranhão, onde o invasor só se conseguirá manter até o princípio de 1644.

Nas suas arrancadas para o Norte, duas vêzes ocupam os holandeses o Ceará. A primeira em outubro de 1637, a segunda em abril de 1649.

Norteava a primeira investida, levada a cabo com dois iates e pouco mais de uma centena de homens, um objetivo remoto indireto: — situar a meio caminho do Maranhão um entreposto e uma base de operações que facilitassem ao bátavo um futuro ataque à ilha de São Luís e aos engenhos de açúcar do Itapicuru. Com o flamengo patenteava-se também aquilo que João Ribeiro lùcidamente observou na atitude lusa em relação à colonização periférica do Brasil: — estava se processando na dependência da necessidade de território contínuo.

Mas além daquele objetivo remoto, outro havia direto e imediato determinando a invasão do Ceará em 1637. Era o sal, era a busca e exploração de salinas, assunto de interêsse vital para os invasores. Aquêle produto era então obtido por êles em penosas e difíceis condições, e de tal importância se revestia sempre a sua obtenção para a economia flamenga, que, quando a 6 de agôsto de 1661 os Estados Gerais firmaram com a Coroa Portuguêsa o tratado de paz ratificado por el-rei D. Afonso VI, a 24 de maio de 1662, tal estatuto estabelecia numa das cláusulas que anualmente seria fixado, por acôrdo, o preço pelo qual os holandeses comprariam o sal de Setúbal. A paz que a Holando oferecia a Portugal na Europa, tinha como justificativa, segundo alguns historiadores, o fato de lhes ser indispensável o sal que iam comprar em Setúbal.

Havia notícias positivas da existência de salinas no território da capitania, a qual abrangia então terras hoje enquadradas no atual Estado do Rio Grande do Norte. Além do sal, também interessavam ao flamengo o algodão, o pau-violeta e o âmbar gris, que tradições encontradiças referiam existir no Ceará. Mas o motivo real e imediato da emprêsa eram as salinas, o que não escondia o próprio Supremo Conselho no Recife, o qual, escrevendo para a Holanda logo após o desembarque e ocupação do Ceará, dizia textualmente: *"É certo que ali se acha âmbar gris, mas por isso não vale a pena manter uma guarnição no Ceará, se abaixo dêle não se encontrassem salinas"*.

Chegando ao Ceará a 25 de outubro de 1637, logo venceram a brava resistência da pequena guarnição portuguêsa do fortim de São Sebastião, reduto localizado à margem direita do rio Ceará, cêrca de 10 quilômetros a oeste da capital cearense. A posse da fortificação, única expressão da presença lusa naquela região, valeu para o holandês a posse total da capitania, incorporada destarte aos domínios da Companhia das Índias Ocidentais.

Aquela primeira fase da ocupação flamenga do Ceará caracterizou-se pela exploração salineira. Muito sal foi encontrado em Mossoró e Camocim, e o braço indígena foi usado pelo nórdico com êxito naquela indústria incipiente mas proveitosa. Destaca-se nesse período a figura singular de um aventureiro de gênio — Gedeon Morris de Jonge — a figura mais notável da aventura holandesa no setentrião brasileiro. Ao seu espírito pioneiro, atividade e capacidade de iniciativa, deveu a Companhia o sucesso que por alguns anos obteve no Ceará.

Mas em princípio de 1644 a falta de pagamento aos índios das salinas e os maus tratos que lhes infligiam os invasores, contrariando as previdentes recomendações do Conselho do Recife, exasperaram de tal modo os aborígenes que êstes voltaram-se contra os holandeses massacrando tôda a guarnição do fortim.

Terminava assim de modo sangrento o primeiro capítulo da aventura holandesa no Ceará.

A segunda investida flamenga contra a capitania teve lugar a 3 de abril de 1649. Comandava-a um personagem destinado a papel relevante na história da capital cearense pelo argumento imperioso de ter sido o seu fundador: — Mathias Beck. Chegou êle ao Ceará numa flotilha de três iates, um barco e uma chalupa, com um efetivo de 298 homens, entre os quais 41 índios da terra. Com tais elementos vinha Mathias inaugurar, com características novas, o segundo capítulo da ocupação holandesa do Ceará.

A exploração salineira dera a característica à expedição anterior; a mineração viria a ser o objetivo da segunda investida. Impelia agora o bátavo o sonho do ouro e da prata, a ilusão das minas ardendo em seu cérebro ambicioso e sonhador. Quando o flamengo voltou ao Ceará em 1649, já o Brasil holandês entrara em declínio militar e econômico. Há cinco anos partira já do Brasil o insubstituído João Maurício de Nassau, e a insurreição lavrava violenta em Pernambuco, onde os interêsses da Companhia se arruinavam a passos largos. Para o Ceará despachavam aquêle contingente destinado a procurar, em pretendidas minas, a prata e talvez o ouro referidos em tradições correntes porém vagas.

De fato, chegando à capitania, tão logo iniciou sua instalação, atirou-se Beck á mineração no serrote Itarema, contraforte da Serra de Maranguape, distante poucas léguas da praia. Mandou também um destacamento mineiro à Serra da Ibiapaba, onde constava haver indícios de prata. De Itarema êle retirou prata em precária proporção: o minério era de teor muito aquém da expectativa. Novas escavações eram a tôda hora iniciadas, e amostras foram remetidas para Recife e Holanda. Da expedição a Ibiapaba, nenhuma informação chegou aos nossos dias.

Mathias Beck julgou acertado lançar num diário minudente todos os acontecimentos que lhe pareciam dignos de menção. Êsse diário chegou até nós graças ao Dr. José Higino Pereira, que o trouxe da Holanda em 1886; é o mais notável documento conhecido acêrca do Ceará holandês, embora só cubra cinco meses dos sessenta e dois que Beck passou no Ceará.

Aquêle cuidado enfadonho de escrevinhador de fatos e minúncias assegurou a Beck um lugar na galeria dos fundadores de cidades, pois da leitura de suas notas depreende-se ter sido êle o fundador do forte *Schoonenborch,* núcleo de onde germinaria a hoje cidade de Fortaleza.

Percorrendo as praias desde Mucuripe, onde fundeou a flotilha, até a barra do rio Ceará, onde se localizara o primitivo reduto português ocupado pelos seus em 1649, Mathias Beck decidiu levantar sua

fortificação numa colina próxima à praia, em cujo sopé corria um belo rio de água doce, fàcilmente defensável da colina. O outeiro de *Marajaitiba,* tal seu nome na língua da terra, onde Beck plantou seu forte, corresponde à pequena elevação onde hoje se situa o Quartel-General da 10a. R.M.

Em frente à colina havia um ancoradouro natural para pequenas embarcações, aproximadamente onde hoje se situa o Poço da Draga, o qual foi intensamente utilizado pelos invasores nos seus embarques e desembarques.

Escolhido o local, de pronto teve início a construção do forte. Segundo o diário de Beck, a 10 de abril de 1649 o engenheiro Ricardo Caer traçou o risco da fortificação que foi iniciada por 40 soldados. O forte recebeu a denominação de *Schoonenborch* em homenagem a Valter van Schoonenborch, então presidente do Conselho em Pernambuco.

A fortificação era um misto de quartel e entreposto comercial, como o requeriam as circunstâncias e conforme o inspirava a política expansionista da Holanda no século XVII, onde o fator militar e o comercial marchavam de mãos dadas. A natureza mistiforme do estabelecimento, na sua estrutura e finalidade, concorreu para que êle logo se transformasse num centro de atração humana, deslocando para suas imediações o interêsse, primeiro dos indígenas, e mais tarde, após a restauração, dos elementos alienígenas que iam surgindo na terra. Dali nasceria a cidade. Algumas décadas depois, já começava a se espraiar pelas imediações do morro, em tôrno do forte, um aglomerado informe de palhoças e choupanas, um minúsculo arremêdo de nucleamento urbano, de que a conjunção de interêsses vitais, mais que sociais, impunha a trôpega formação.

Com a capitulação holandesa, o forte foi ocupado a 20 de maio de 1654 pelo capitão-mor Álvaro de Azevedo Barreto, herói das lutas flamengas em Pernambuco. Aos olhos da administração lusa, rediviva nas terras da capitania, uma providência imediata que se impunha era a restauração da fé — a componente mística da política colonial portuguêsa. Azevedo Barreto de pronto ergueu no forte uma ermida sob a invocação de Nossa Senhora da Assunção. Esta denominação passaria sem demora à fortificação ex-holandesa, cujo nome se transmudaria agora em *Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção.* Êste viria a ser, tradicionalmente o nome da capital cearense, a qual mantém no sobranceiro nome uma fidelidade admirável à sua origem cavalheiresca.

A 1º de junho de 1654, Mathias Beck e a sua gente abandonavam para sempre o Ceará. Com sangue terminara a primeira invasão: com uma retirada pacífica terminaria a segunda.

Parece certo que sem o advento do flamengo a cidade teria surgido e se espraiado pelas ondulações que circundavam o velho fortim

de Pero Coelho na barra do rio Ceará. Aquela predileção tantas vêzes revelada pelos portuguêses nos trópicos, de desenvolver suas cidades por sôbre os morros, talvez o tivesse atraído àquela região, onde o terreno é mais ondulado na margem leste do rio e onde já fixara o seu estabelecimento em 1603.

O fato é que, quando o holandês zarpou em 1654, já o forte era um centro de interêsse vital, um condensador demográfico, um núcleo de atração humana que se não poderia desprezar. E o português continuou a obra onde a abandonava o flamengo. O desenvolvimento urbano foi tardo em extremo; corria paralelo com o lento desbravamento dos sertões, conquistados palmo a palmo na epopéia ciclópica das sesmarias. Mas 77 anos após a fundação do *Schoonenborch,* já o povoado era elevado a vila. E em 1823 adquiria os foros de cidade, passando a chamar-se *Fortaleza de Nova Bragança,* bela denominação que não conseguiria sobrepor-se ao velho nome colonial.

O fortim holandês foi, assim, não só um fator de localização, como o próprio embrião da cidade. A tese há alguns anos defendida pelo historiador Raimundo Girão, de ter sido Fortaleza fundada por Mathias Beck, encontra a mais sólida confirmação em argumentos históricos e geográficos e hoje não mais admite contestação.

Mathias Beck foi o fundador da cidade; o 10 de abril é a sua data genetlíaca e, se a picareta do flamengo fracassou no procurar os suspirados veios de prata, pelo menos escreveu, fundando uma cidade, uma página das mais sugestivas da aventura holandesa sob os céus dos trópicos.

(Publicado no jornal PARATODOS, do Rio, n. 27 — junho 1957)